

# A CERTEZA COMO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DE TODAS AS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE

## CERTAINTY AS A CONDITION OF POSSIBILITY FOR ALL CONDITIONS OF POSSIBILITY

Identidade, autoconsciência, Singularidade Informacional e a fenomenologia da consciência interna do tempo

Lucas Jaued<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo defende a tese de que a certeza fenomenológica intrínseca constitui a condição de possibilidade última de toda fenomenalidade, incluindo a própria estrutura da consciência interna do tempo descrita por Husserl (2012, 2019). Argumenta-se que a experiência temporal — caracterizada por retenção, impressão e protensão — não pode fundar-se simplesmente em um fluxo<sup>2</sup> desprovido de identidade, simetria e estabilidade prévias. Antes, a possibilidade mesma de fluxo, sucessão e duração, pressupõe singularidades formais absolutas<sup>3</sup>, compreendidas aqui como expressões de certeza originária. A partir da teoria da singularidade informacional da autoconsciência (SIA), propõe-se uma fenomenologia da certeza mais fundamental e mais geral do que a fenomenologia husserliana do tempo, capaz de explicar não apenas como a experiência se articula temporalmente, mas por que algo pode aparecer como experiência em primeiro lugar. O artigo sustenta, assim, que

---

1 Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012). Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2018). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas.

2 Se a própria estrutura do fluxo não fosse “dada” (certa), constituída, estabelecida, determinada, estabilizada, fixa e mantida (retida), a partir de elementos que precedem (logicamente e estruturalmente) o próprio fluxo, não poderia haver (sem identidades subjacentes) nem fluxo de experiências, nem a experiência de fluxo; não haveria a sucessão de experiências, nem experiência de sucessão.

3 Ver Jaued (2025).

toda condição de possibilidade relativa (temporal, relacional, negativa) depende de condições de possibilidade absolutas (intrínsecas, afirmativas, não contrastivas), reformulando noções clássicas de identidade, intencionalidade, autoconsciência e seus fundamentos fenomenológicos.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Certeza; Consciência do tempo; Identidade; Singularidade Informacional da Autoconsciência.

**Abstract:** This article argues that intrinsic phenomenological certainty constitutes the ultimate condition of possibility for all phenomenality, including the very structure of the internal consciousness of time described by Husserl (2012, 2019). It argues that temporal experience—characterized by retention, impression, and protension—cannot be founded simply on a flow devoid of prior identity, symmetry, and stability. Rather, the very possibility of flow, succession, and duration presupposes absolute formal singularities, understood here as expressions of original certainty. Based on the theory of the informational singularity of self-consciousness (ISA), it proposes a phenomenology of certainty that is more fundamental and more general than the Husserlian phenomenology of time, capable of explaining not only how experience is articulated temporally, but also why something can appear as experience in the first place. The article argues, therefore, that every condition of relative possibility (temporal, relational, negative) depends on conditions of absolute possibility (intrinsic, affirmative, non-contrastive), reformulating classical notions of identity, intentionality, self-awareness, and their phenomenological foundations.

**Keywords:** Phenomenology; Certainty; Time consciousness; Identity; Informational Singularity of Self-Awareness.

## INTRODUÇÃO

A fenomenologia husserliana da consciência interna do tempo ocupa um lugar central na filosofia do século XX. Para Husserl, a estrutura tripartite composta por impressão primordial, retenção e protensão constitui a condição mínima para que algo possa aparecer como algo na experiência consciente (HUSSERL, 2012). Sem retenção, não haveria identidade; sem identidade, não haveria continuidade; e sem continuidade, não haveria sentido.

O presente artigo não nega essa análise, mas sustenta que ela não é suficientemente fundamental. Argumenta-se que a própria possibilidade da estrutura temporal descrita por Husserl pressupõe um nível fenomenológico mais básico: o nível da certeza intrínseca e absoluta<sup>4</sup>. defende-se, assim, que a certeza<sup>5</sup> não é um produto da temporalidade, mas sua condição de possibilidade.

### A ESTRUTURA TRIPARTITE DO TEMPO EM HUSSERL

Segundo Husserl, toda experiência consciente apresenta uma estrutura mínima composta por:

Impressão primordial (Urimpression): o agora vivido;

Retenção: o agora que acaba de passar e permanece presente;

Protensão: a antecipação imediata do que está por vir.

---

4 Trata-se de um nível de consciência não contrastivo, a-dual, reflexivo, sem negação, sem diferença, sem alteridade e sem diversidade (LIU, 2022; MCINERNEY, 1988).

5 A experiência da certeza é um produto da temporalidade, mas a certeza da experiência constitui um pré-requisito básico para a própria estrutura em todos seus níveis. A própria estrutura que compõe a temporalidade em Husserl, demanda uma identidade intrínseca. Se a própria estrutura que ordena e articula a temporalidade, e cada um de seus elementos - impressão primordial, retenção e protensão; não fosse fixa, estável, anterior, e “dada”, não haveria a possibilidade de uma representação da experiência de sucessão. Os elementos estruturais do fluxo temporal aparecem como eles são, cada qual com sua identidade própria, por causa de sua certeza intrínseca, reflexiva que os constitui, fixa, estabiliza e mantém.

Essa estrutura é apresentada como irreduzível<sup>6</sup> (KELLY, 2025) e como fundamento último da fenomenologia. Ao final do processo de redução fenomenológica — mundo natural, objetos, atos intencionais, eu empírico e eu transcendental — resta o fluxo absoluto da consciência temporal, que não pode ser objetivado, tematizado nem explicado logicamente e fenomenologicamente. No sentido de que não há outra estrutura subjacente.

Por essa razão, Husserl identifica a consciência interna do tempo como o “ponto zero” da fenomenologia.

## A IMPOSSIBILIDADE DE UM FLUXO ABSOLUTO DA CONSCIÊNCIA

Contra essa posição, sustenta-se aqui que não há fluxo absoluto<sup>7</sup> da consciência. Um fluxo entendido como transformação pura, sem identidade, sem simetria e sem estabilidade, não pode aparecer como fenômeno. Não há a experiência do fluxo temporal, sem a certeza da experiência que precede e possibilita o próprio fluxo. Se a consciência interna do tempo significa a experiência de um fluxo temporal, antes (logicamente e fenomenologicamente) dela é necessário a certeza da experiência, a certeza da aparição fenomenológica em si mesma e a certeza dos elementos que a compõe.

A certeza da aparição — isto é, a certeza fenomenológica — aplica-se indistintamente tanto à experiência considerada em sua forma atômica quanto à experiência compreendida como estendida no tempo. Ela vale, portanto, tanto para modelos “inocentes” do tempo fenomenológico, como a visão cinematográfica<sup>8</sup> de inspiração newtoniana, que concebe a experiência como uma sucessão

---

6 Isto é, como a estrutura mínima através da qual a experiência consciente é articulada, que é a própria estrutura temporal, não permitindo qualquer forma de redução adicional.

7 A ideia de um “fluxo absoluto” tem objetivo aqui de significar o fluxo entendido como o ponto zero da experiência. O fluxo como o último elemento da experiência fenomenológica. O elemento irreduzível que não pode ser adicionalmente analisado no sentido de Husserl.

8 A abordagem de Agostinho no livro XI de suas Confissões expõe uma posição bastante sugestiva de uma visão cinematográfica do tempo. Trata-se de uma visão que pode ser considerada como presentismo (como viria a ser posteriormente denominada), onde apenas o presente é real e a consciência se encontra confinada nele. Passado e futuro não existem em si mesmos, mas apenas como memória e antecipação. Ou seja, o que existe é a lembrança do passado no presente e a antecipação ou expecta-

de instantes pontuais, quanto para concepções mais sofisticadas centradas na experiência de duração, continuidade, retenção e protensão, como a desenvolvida por Husserl.

Não há sucessão sem diferenciação; não há diferenciação sem critério; não há critério sem identidade. Logo, não há fluxo sem estruturas prévias de fixação e certeza.

A experiência da duração e da sucessividade pressupõe que algo permaneça idêntico enquanto algo muda. Um fluxo completamente desprovido de identidade não poderia sequer ser reconhecido como fluxo. A própria noção de transformação perderia sentido para a cognição e para a estrutura fenomenológica.

Assim, o fluxo temporal não é originário. Ele é constituído a partir de unidades fenomenológicas estáveis, que funcionam como critérios de ordenação, rastreamento e comparação. Essas unidades são absolutas no sentido fenomenológico: não derivam de contraste, negação ou relação, mas de coincidência formal consigo mesmas. Isso quer dizer que são identidades reflexivas que não podem ser extraídas do fluxo ele mesmo, mas são pressupostas por ele.

## **A CERTEZA COMO ESTRUTURA FENOMENOLÓGICA ORIGINÁRIA**

A tese central deste artigo é que essas unidades estáveis correspondem a formas de certeza intrínseca. Trata-se de uma certeza originária, não inferencial, não contrastiva e não relacional. Ela não resulta da exclusão de alternativas, nem da negação do possível, mas da coincidência reflexiva de um estado consigo mesmo.

Essa certeza é absoluta porque não admite gradação fenomenológica. Ela constitui a base sobre a qual qualquer experiência de incerteza, negação ou contraste pode aparecer de modo derivado. Não há experiência fenomenológica da incerteza enquanto tal, mas apenas a certeza da incerteza.

A consciência interna do tempo, tal como concebida por Husserl, descreve a condição formal

---

tiva do futuro também no presente. As três dimensões do tempo (passado, presente e futuro) existem na “alma” (na mente): o presente das coisas passadas, o presente do presente e o presente das coisas futuras (GALE, 1968: 44).

de possibilidade da doação contínua de sentido, da retenção, da protensão e da constituição do fluxo da experiência. Contudo, essa estrutura temporal já pressupõe algo ainda mais fundamental: a fixação, a estabilidade mínima, a identidade consigo mesma que torna possível qualquer retenção, qualquer continuidade e qualquer reconhecimento do mesmo ao longo do fluxo. Essa condição mais profunda é precisamente a certeza, entendida não como juízo epistêmico, mas como estrutura fenomenológica originária de identidade e coincidência consigo mesmo.

Nesse sentido, a certeza<sup>9</sup> não é apenas cooriginária ao tempo, mas logicamente anterior a ele. A anterioridade aqui não é temporal — pois isso já pressuporia o que está em questão —, mas estrutural: a certeza é a condição de possibilidade da própria constituição do tempo fenomenológico. Sem identidade mínima, sem coincidência interna, sem simetria reflexiva, não há retenção, não há duração, não há fluxo. O tempo fenomenológico é, portanto, uma derivação estrutural da certeza, enquanto a certeza é a dimensão mais interna da experiência fenomenológica.

Todos os elementos que compõe a estrutura temporal que se articula do modo determinado por Husserl e outros (tal com os elementos da dimensão tripartite, as unidades temporais, a dinâmica das relações, precisam possuir uma identidade por si próprio, mesmo que essa identidade seja constituída relacionalmente, ela é apresentada de modo absoluto e intrínseco.

Ainda que, para Husserl, essas dimensões (impressão primordial, retenção e protensão) sejam essencialmente relacionais, suas manifestações enquanto tais exige uma base não relacional: uma certeza intrínseca da aparição. Sem isso, não haveria retenção como retenção, nem protensão como protensão, nem presente vivido como presente vivido.

Esse ponto revela um limite estrutural da fenomenologia do tempo: ela pressupõe, sem tematizar explicitamente, uma fenomenologia mais fundamental da certeza e da identidade. É nesse sentido que a Fenomenologia da Certeza/Informação/Identidade se mostra mais geral do que a fenomenologia husserliana. Nesse sentido, a certeza é logicamente, fenomenologicamente e ontologicamente anterior à temporalidade<sup>10</sup>.

---

9 Certeza entendida, nesse ponto, como certeza da experiência em seu formato mais básico.

10 Ver “Certeza antes do Tempo” (JAUED, 2026)

## A FENOMENOLOGIA DA CERTEZA E O “PONTO ZERO” DA EXPERIÊNCIA

Para Husserl, a redução fenomenológica conduz progressivamente ao que ele entende como o seu “último resíduo”. A fenomenologia husserliana opera por uma série de reduções sucessivas: (1) a redução do mundo natural, (2) a redução dos objetos físicos enquanto realidades transcendentais, (3) a redução dos atos intencionais tomados como relações com objetos mundanos, (4) a redução do eu empírico e psicológico, e (5) a redução ao eu transcendental. Ao término desse percurso, resta algo irreduzível: o fluxo temporal da consciência absoluta.

Esse fluxo não pode ser objetivado, tematizado como coisa, explicado causalmente, nem reduzido a algo mais fundamental. Ele constitui a condição de possibilidade para que qualquer objeto, ato ou identidade possa aparecer. Por essa razão, Husserl considera a consciência interna do tempo como o “ponto zero” da fenomenologia — o nível em que todo processo de redução encontra seu limite e sua base última.

A Fenomenologia da Certeza, entretanto, pode ser apresentada como ainda mais fundamental, mais básica e mais geral do que a fenomenologia da consciência interna do tempo. Sua primazia não é meramente hierárquica, mas estrutural: trata-se de um nível de descrição logicamente mais básico, fenomenologicamente mais interno e ontologicamente mais radical. Enquanto a fenomenologia do tempo descreve como a experiência se articula — por meio de retenção, impressão primordial e protensão —, a fenomenologia da certeza busca explicar por que algo pode aparecer como experiência em primeiro lugar.

Nesse sentido, a fenomenologia da certeza não apenas fornece uma explicação do “porquê”, mas também um nível mais elementar do “como”. Ela pretende esclarecer as condições intrínsecas que tornam possível a própria consciência do fluxo, isto é, os fundamentos que permitem que a estrutura tripartite do tempo seja dada como fenômeno. A certeza, entendida como identidade intrínseca e coincidência reflexiva, seria a condição de possibilidade da própria estrutura temporal descrita por Husserl.

Disso decorre a tese de que a tarefa da redução pode ser levada um passo além. É possível conceber um nível mais fundamental da consciência do que aquele alcançado pela análise da consciência interna do tempo. Tal nível não nega a descrição husserliana, mas a reinscreve em um horizonte mais abrangente, no qual a dimensão temporal deixa de ser o fundamento último da fenomenalidade. A certeza aparece, então, como um princípio mais originário da constituição fenomenológica.

Esse princípio permitiria ampliar o próprio conceito de fenomenologia, abarcando descrições que não fariam sentido no quadro estritamente husserliano — por exemplo, a hipótese de fenômenos atômicos ou atemporais — desde que “fenômeno” seja entendido no sentido mínimo de haver algo que é como é para um sujeito (ou para um estado experiencial) possuí-lo. Sob essa interpretação ampliada, a fenomenologia da certeza se apresenta como condição de possibilidade de qualquer forma concebível de fenomenalidade, inclusive daquelas que não se estruturam primariamente segundo a forma do tempo vivido.

Embora Husserl identifique o fluxo temporal como o último resíduo da redução fenomenológica, sustenta-se aqui que é possível avançar um grau adicional na redução. A fenomenologia da certeza opera em um nível ainda mais básico do que a consciência interna do tempo. A fenomenologia da consciência interna do tempo explica como a experiência se articula em retenção, impressão e protensão. A fenomenologia da certeza explica por que algo pode aparecer como experiência em primeiro lugar. A certeza é, portanto, a condição de possibilidade de todas as condições de possibilidade.

## **CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE ABSOLUTAS E RELATIVAS**

A temporalidade é uma condição de possibilidade relativa, pois envolve contraste, diferenciação e relação entre momentos. Toda condição de possibilidade relativa pressupõe condições de possibilidade absolutas.

Exemplos desse princípio incluem:

- A certeza como base da incerteza;

- A unidade como base da multiplicidade;
- A afirmação como base da negação;
- A presença como base da ausência;
- O ser como base do não-ser;
- A permanência como base da mudança;
- A vida como base da morte;
- A verdade como base da falsidade.

O absoluto é aquilo que pode ser determinado em si mesmo. É aquilo que é intrínseco, livre de todo tipo de relação com qualquer elemento externo a si mesmo. O absoluto é, portanto, o idêntico a si mesmo, que repousa sobre si mesmo. Trata-se de uma forma de determinação que pertence à coisa dada sua própria substância<sup>11</sup>, sua própria natureza (ou melhor, sua natureza própria). O relativo só pode ser determinado a partir de um absoluto previamente estabelecido.

A aparição (fenomenológica) é uma manifestação da certeza e da identidade. Aparecer implica ser. E ser implica certeza. Não existe o aparecer do não aparecer (do nada) absoluto, porque o aparecer é intrínseco, positivo, afirmativo, absoluto, não contrastivo, idêntico a si mesmo. A dimensão fenomenológica não admite (nesse sentido) oposição de modo algum, pois não há negação, não há contraste, não há pluralidade, não há diversidade. Não há o princípio de não contradição, não há o princípio de oposição, não há o princípio de exclusão, não há exclusão de possibilidades, não há eliminação de alternativas, não há a eliminação de incerteza. O que aparece é, assim, a-dual e puramente reflexivo.

A “aparição negativa”, a aparição sem aparecer (sem possuir qualquer propriedade fenomenológica que seja) é a não aparição. Ou, de modo parmenídico, ela não é, ela não existe e

---

11 A ideia de “substância” aqui não pretende estabelecer compromisso exegético com qualquer tradição específica desse termo tão abundantemente trabalhado na História da Filosofia. O significado pretendido visa apenas ressaltar a independência dessa dimensão fenomenológica de qualquer determinação externa.

nem pode existir. Negar um estado absoluto é eliminar a sua existência. A negação da certeza de um estado, equivale a impossibilidade de o estado existir. Um estado fenomenológico sem certeza não é um estado fenomenológico. A certeza corresponde à simetria, à máxima organização e mínima entropia<sup>12</sup>, mínima incerteza (do ponto de vista do corpo, do organismo, que é a base orgânica do estado).

A incerteza, a negação, o negativo, o relativo etc. só pode aparecer sobre a estrutura da certeza. A aparição da incerteza e da negação em si mesmas, equivaleria à aparição do “não ser”, que é logicamente contraditório. O que aparece, é. Aparecer é ser, e ser é certeza. A dimensão fenomenológica é um “campo” (field) de certeza, a manifestação em si é uma expressão da certeza. O que quer que apareça tem que ser para aparecer. Não há como aparecer sem ser algo. A aparição é uma manifestação da certeza e da identidade. Aparecer implica ser. E ser implica certeza. A existência é a qualidade do que existe se confundem ou se fundem em uma coisa só.

De seu próprio ponto de vista, o estado é só certeza. Impresso em sua certeza intrínseca está o significado fundamental de toda experiência. Esse significado é obtido através do espelhamento do Princípio de Energia Livre (PEL) de Karl Friston (2006, 2010) na consciência, na dimensão fenomenológica em si mesma. O PEL fornece uma estrutura abrangente para entender como os sistemas biológicos, especialmente o cérebro, funcionam para manter a homeostase e a previsibilidade ao minimizar a incerteza. De acordo com Friston,

“O princípio de energia livre alega que qualquer sistema que se auto-organize e que esteja em equilíbrio com seu meio ambiente precisa minimizar a energia livre” (FRISTON, 2010) N.E. Tradução do autor.

Se pressuposto que a consciência seja uma característica de organismos vivos (que são sistemas que se auto-organizam), pode-se dizer que seu significado intrínseco é derivado, espelhado, impresso e transferido da matéria para a estrutura da consciência ela mesma: a marca da resistência

---

12 Ver “SIA como espelho do Princípio de Energia Livre na consciência”, Jaued (2026).

ao desaparecimento infringida pela tendência à desordem é a harmonia, o equilíbrio, a simetria etc. A certeza é a expressão (fenomenológica) que determina o significado do princípio que abrange não só a consciência, mas todo e qualquer organismo que se auto-organize para resistir à desordem, à entropia.

Desse ponto fundamental, constrói-se o significado derivado da experiência consciente. Se for pressuposto, como é feito por Karl Friston e Mark Solms (FRSITON E SOLMS, 2018), que a consciência desempenha, em seu nível mais fundamental, o papel de promover mudanças no comportamento do organismo que auxiliem na manutenção de sua homeostase, então, a qualidade de um estado fenomenológico representa alguma forma de desvio dos estados do organismo de seus estados ideais. Assim, por exemplo, a experiência de fome ou de sede, tem como finalidade alertar o organismo da falta de elementos que possibilitam a sua permanência.

Essas qualidades podem ser pensadas, de acordo com o quadro aqui construído, como significados derivados da experiência. Em primeiro lugar, toda e qualquer aparição fenomenológica têm como significado (em seu sentido absoluto) a simetria, a ordem, a organização que se contrapõe diametralmente à tendência à desordem promovida pela segunda lei da termodinâmica. De modo “derivado”, dependente desse significado elementar, estão os significados derivados do fenômeno. A experiência de sede, por exemplo, significa a falta d’água do organismo, a experiência de fome significa a falta de alimentação etc. A característica particular de cada experiência fenomenológica fundamental, sob esse ponto de vista, significa o modo como a consciência interage com o organismo para orientá-lo em direção a manutenção de sua homeostase. Nesse sentido a consciência pode ser interpretada como um sistema de alerta (SOLMS, 2019a, FRSITON E SOLMS, 2018).

## **IDENTIDADE, AUTOCONSCIÊNCIA E SINGULARIDADE INFORMACIONAL (SIA)**

Husserl sustenta que a identidade do objeto, do significado e do eu deriva da retenção temporal. O presente trabalho concorda parcialmente<sup>13</sup>, mas distingue níveis de identidade.

13 A concordância parcial se deve ao fato de que, em um nível específico (derivado, mais complexo e sofisticado) de identidade, a estrutura temporal é anterior logicamente e estruturalmente à

A identidade mais fundamental — correspondente à Singularidade Informacional da Autoconsciência (SIA) — não é derivada do tempo, mas o possibilita. Trata-se de uma identidade intrínseca, puramente reflexiva, a-dual, não contrastiva e não negativa.

Nesse nível, não há aplicação do Princípio de Não Contradição, pois não há negação nem oposição. Essa identidade não exclui possibilidades, não afirma nada sobre o mundo externo e não opera com condições de verdade. Ela funda o indivíduo enquanto singularidade.

Trata-se de uma identidade puramente reflexiva, fundamento da certeza analítica de que toda coisa é idêntica a si mesma — expressa pelo princípio de identidade ( $A = A$ ) — constitui o fundamento primeiro de todo e qualquer ato mental. Seja na forma originária da certeza “eu sou eu”, seja na forma lógica “A é A”, a identidade é a primeira ancoragem da percepção, do pensamento, da consciência de modo geral.

É a partir dela que:

- o princípio de não contradição pode ser derivado:  $A \neq \text{não-A}$ ;
- torna-se possível qualquer contraste;
- emerge toda forma de negação, diferenciação e exclusão.

Toda operação cognitiva contrastiva pressupõe, logicamente, uma base analítica de identidade recursiva. Sem certeza de identidade, não há:

- negação,
- diferença,
- exclusão,
- inferência,
- nem sequer erro.

---

identidade (tal como o nível da identidade pessoal em que o caráter da identidade é dado essencialmente através do desenvolvimento do indivíduo ao longo do tempo). Entretanto, a identidade em um nível mais fundamental (a identidade originária) é em si mesma logicamente e estruturalmente mais fundamental do que a estrutura temporal, mesmo quando ambas são cooriginárias.

Por isso, a certeza é simultaneamente:

- a estrutura do pensamento e da consciência de modo geral,
- a base do conhecimento,
- e a finalidade fenomenológica da atividade cognitiva.

Em um nível derivado, com a introdução da negação, da oposição e da relação extrínseca, emerge a identidade regida pelo Princípio de Não Contradição. É nesse nível que surgem determinadas proposições analíticas, exclusão de alternativas e referência ao mundo.

## **INTENCIONALIDADE, AUTOAFECÇÃO E RECURSIVIDADE**

A consciência do tempo não é intencional no sentido clássico, pois não se dirige a um objeto distinto de si. Ela é auto manifestação, auto afecção e vivência imediata.

A SIA fornece um enquadramento conceitual para compreender essa intencionalidade não clássica: uma recursividade pura em que forma e conteúdo coincidem. Essa recursividade constitui simultaneamente o sujeito e o fenômeno.

Diferentemente de Kant (1998) e Husserl (2012, 2019), essa forma não é vazia. Ela é a origem da informatividade fenomenológica máxima, a partir da qual qualquer conteúdo pode emergir.

## **CONCLUSÃO**

A fenomenologia da certeza é mais básica e mais geral do que a fenomenologia da consciência interna do tempo. Ela explica tanto o fundamento da temporalidade quanto sua possibilidade de manifestação.

A certeza, em filosofia e ciência cognitiva, é tipicamente considerada como uma atitude

epistêmica em relação às proposições, sinônimo de crença, justificação e verdade, ou possui um significado subjetivo, como um senso de confiança ou segurança (NEUKART, 2025). Nessas estruturas, a certeza é secundária, derivada (ou mesmo trivial): não faz parte da estrutura da experiência, mas sim acompanha o conhecimento ou a cognição. O paradigma atual, por sua vez, redefine a certeza como uma identidade reflexiva (ordem, estrutura, informacional), um modo básico de constituição que está por trás de todos os fenômenos da experiência e da cognição (ROSSI, 2025).

A ideia da Singularidade Informacional da Autoconsciência (SIA) expressa o argumento de que a autoconsciência se baseia em uma única estrutura informacional fundamental (ROSSI, 2025). Esta é a camada mais fundamental, definida pela certeza máxima e identidade reflexiva, sobre a qual se fundamentam toda a cognição, experiência e intencionalidade subsequentes. Nesse nível, a autoconsciência não é inferencial, contrastiva nem relacional no sentido usual. Em vez disso, é reflexiva, não dual: identidade (e o “eu”) está em coincidência direta e não mediada consigo mesmo, e é um ponto básico de coerência e estabilidade (SU, 2025).

A certeza intrínseca não é um estado psicológico, nem uma crença, nem um produto da inferência. Ela é a estrutura formal originária da fenomenalidade, o ponto zero absoluto da experiência. Neste grau, a certeza não é um juízo epistêmico, mas sim uma propriedade informacional: constituição de uma identidade, ela fixa o eu, confere à experiência sua coerência ao longo do tempo.

Assim, a consciência do tempo não funda a certeza; é a certeza que funda o tempo.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTINE, Saint. Confessions. Tradução de F. J. Sheed. Indianapolis: Hackett Publishing Co, 1999.

BARWISE, J.; SELIGMAN, J. Information Flow: the logic of distributed systems. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. (Cambridge Tracts in Theoretical Computer Science, 44).

BRENTANO, F. Psychology from an Empirical Standpoint. Leipzig: Duncker & Humblot, 1874.

CARNAP, Rudolf; BAR-HILLEL, Yehoshua. An Outline of a Theory of Semantic Information. Cambridge, Mass.: Research Laboratory of Electronics, Massachusetts Institute of Technology, 1953. 48 p. (Technical Report, 247).

DRETSKE, Fred I. Knowledge and the Flow of Information. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1981. 273 p.

FLORIDI, Luciano. Information. In: ZALTA, Edward N. (ed.). The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Winter 2004 Edition. Stanford: The Metaphysics Research Lab, CSLI, Stanford University, 2004. Disponível em: [link]. Acesso em: [data].

FLORIDI, Luciano. Is Information Meaningful Data? Philosophy and Phenomenological Research, [S. l.], v. 70, n. 2, p. 351-370, mar. 2005.

FRISTON, K.; KILNER, J.; HARRISON, L. A free energy principle for the brain. Journal of Physiology-Paris, Paris, v. 100, p. 70-87, 2006.

FRISTON, K. The Free-Energy Principle: a unified brain theory? Nature Reviews Neuroscience, [S. l.], v. 11, p. 127–138, 2010.

FRISTON, K. J.; KIEBEL, S. J. Predictive Coding under the Free-Energy Principle. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences, [S. l.], v. 364, p. 1211–1221, 2009.

FRISTON, K. The free-energy principle: a unified brain theory? Nature Reviews Neuroscience, [S. l.], v. 11, p. 127-138, 2010.

GALE, R. (ed.). The Philosophy of Time. Sussex: Harvester, 1968.

HUSSERL, E. On the Phenomenology of the Consciousness of Internal Time (1893–1917). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

HUSSERL, E. On the phenomenology of the consciousness of internal time (1893–1917). [S. l.]: Springer Science & Business Media, 2012. v. 4.

HUSSERL, E. The phenomenology of internal time-consciousness. [S. l.]: Indiana University Press, 2019.

JAUED, Lucas. Informational Singularity of Self-Consciousness (ISS): transition from the Free Energy Principle (FEP) to the Informational Singularity of Self-Consciousness (ISS): the ISS as the FEP's mirror in consciousness. [S. l.: s. n.], 2025.

JAUED, L. Informational Singularity of Self-Consciousness. TPM – Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology, [S. l.], v. 32, n. S8, p. 675-679, nov. 2025.

JAUED, Lucas. Certeza antes do tempo: rumo a uma fenomenologia da informação, da identidade e da autoconsciência. [S. l.: s. n.], 2025.

KANT, Immanuel. Critique of pure reason. Tradução de Paul Guyer e Allen W. Wood. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KELLY, M. R. Husserl and Phenomenology of Time. In: The Routledge Companion to Philosophy of Time. [S. l.]: Routledge, 2025. p. 99-110.

KOLMOGOROV, Andrey Nikolaevich. Three Approaches to the Quantitative Definition of Information. Problems of Information Transmission, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-7, 1965.

LIU, R. Explaining It Away? On the Enigma of Time in Husserl's Phenomenology of Time-Consciousness. The Journal of Speculative Philosophy, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 277-289, 2022.

MCINERNEY, P. K. What Is Still Valuable in Husserl's Analyses of Inner Time-Consciousness. JSTOR, [S. l.], 1988.

NAGEL, T. What is it like to be a bat? The Philosophical Review, [S. l.], v. 83, n. 4, p. 435–450, 1974.

NEUKART, F. Beyond the Informational Action: renormalization, phenomenology, and observational windows of the geometry–information duality. [S. l.: s. n.], 2025.

ROSSI, N. Modelling the epistemic states of non-ideal agents: hyperintensional accounts of justification, knowledge, and epistemic possibility. [S. l.: s. n.], 2025.

SILVA, Lucas Jaued Braga Felício da. Transição do Princípio de Energia Livre (PEL) para a Singularidade Informacional da Autoconsciência (SIA): a SIA como espelho do PEL na consciência. [S. l.: s. n.], 2025.

SOLMS, M.; FRISTON, K. How and why consciousness arises: Some considerations from physics and physiology. *Journal of Consciousness Studies*, [S. l.], v. 25, p. 202–238, 2018.

SOLMS, M. The hard problem of consciousness and the Free Energy Principle. *Frontiers in Psychology*, [S. l.], v. 10, art. 2714, 2019. DOI: 10.3389/fpsyg.2018.02714.

SU, E. I. Pearce's Characterisation in an Epistemic Domain. [S. l.]: arXiv, 2025. (arXiv:2502.09221).